

Destilando erudição

FHC

MURILO FIUZA DE MELO

Max Weber, Werner Sombart, Joaquim Nabuco, Anthony Giddens e Tony Blair. O presidente Fernando Henrique lembrou ontem seu lado sociólogo e destilou erudição, durante o lançamento do livro *170 anos da Indústria no Brasil*, que conta a história da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), na sede da entidade, Centro do Rio. Num discurso de pouco mais de 20 minutos, o presidente criticou a esquerda e o neoliberalismo que mitifica o mercado e, mais uma vez, saiu em defesa do Congresso – “uma instituição enraizada na tradição institucional e democrática do país”.

Fernando Henrique usou seu conhecimento para embasar a tese do presidente da Firjan, Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, de que no Brasil de hoje os papéis da esquerda e da direita estão trocados. Citando Giddens, Eduardo havia dito que, atualmente, a esquerda brasileira são os empresários que defendem as reformas, e a direita, aqueles que querem manter o Estado. Foi a deixa para que o presidente voltasse a criticar a oposição, que votou contra a reforma administrativa, aprovada na quarta-feira.

“As palavras de Eduardo são perfeitamente coerentes. Infelizmente, setores da velha esquerda, que a gente pensa que são novos, ferraram-se aos privilégios e defendem o estado podre, do mau-estar social e que foi produzido por regimes ditatoriais. E, quando se propõem reformas, como nós estamos fazendo, aparecem para criticar, dizendo que elas são contra o

povo. Na verdade, as reformas são a condição para se ter um estado capaz de incluir cada vez mais parcelas hoje excluídas do conjunto da cidadania brasileira”, avalizou. Fernando Henrique provocou risos ao tratar seus colegas de palanque – o governador Marcello Alencar e o ministro da Indústria e Comércio, Francisco Domelles, e Eduardo Eugênio – de “companheiros”.

O sociólogo presidente citou conceitos de Weber e de Zombart sobre o empresário, para definir como a classe deve estar inserida na sociedade atual. “Zombart dizia que o empresário é aquele que se arrisca e que, por isso, é capaz de ir mais longe. Weber via o empresário como um homem capaz de se contrapor à burocracia, de quebrá-la e inovar. Hoje, ser um empresário progressista é poder vislumbrar além do horizonte do cotidiano, propor alguma coisa nova e assumir posições que são políticas, mas não necessariamente partidárias”, afirmou Fernando Henrique, citando o presidente da Firjan como modelo deste novo tipo de profissional.

Fernando Henrique novamente citou o discurso de Eduardo Eugênio, que lembrou a luta da Firjan pela abolição da escravatura. “Eu me recordo de Joaquim Nabuco, que dizia que a nódoa do Brasil era a escravidão. Pois veio o Eduardo e disse alguma coisa semelhante e contemporânea: a nódoa do Brasil hoje é a exclusão social”, concluiu o presidente, que se disse herdeiro do pensamento iluminista, da razão a serviço da “solidariedade e da inclusão do social”.